

Artigo recebido em: 13/05/2018

Artigo aprovado em: 23/06/2018

ALEGORIA E ARQUÉTIPO NO LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS DE CHRISTINE DE PIZAN

ALLEGORY AND ARCHETYPE IN THE BOOK OF THE CITY OF THE LADIES BY CHRISTINE DE PIZAN

Keilla Salvador da Silva¹

(keilla.cor@gmail.com)

RESUMO

Este trabalho consiste em analisar os arquétipos femininos presentes no primeiro livro de *A Cidade das Damas*, bem como a escolha da autora por uma narrativa alegórica. É gritante o uso que Christine de Pizan faz dos arquétipos, muitas vezes subvertendo-os – utilizando-se de arquétipos predominantemente masculinos à época em que escreveu para descrever as mulheres citadas no livro. Para tal, utilizaremos os conceitos de *arquétipos* e de *jornada do herói*, de Joseph Campbell, comentados por Christopher Vogler, e de *inconsciente coletivo*, de Carl Gustav Jung.

Palavras-chave: Alegoria; Arquétipo; *Cidade das Damas*; Christine de Pizan.

ABSTRACT

This work consists in analyzing the feminine archetypes present in the first book of *The City of the Ladies*, as well as the author's choice for an allegorical narrative. It is blatant, the use that Christine de Pizan makes of the archetypes, often subverting them – using predominantly male archetypes, at the time she wrote, to describe the women quoted in the book. For that, it will be used the concepts of **archetypes** and the **journey of the hero**, from Joseph Campbell, commented by Christopher Vogler and the **collective unconscious** of Carl Gustav Jung.

Key words: Allegory; Archetype; *City of the Ladies*; Christine de Pizan.

Narrativa alegórica em à Cidade das Damas

¹ Graduanda em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB).
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6490072057664338>.



Na etimologia, a palavra “alegoria” vem de *allegoría* (HANS apud MARGUTTI, 2016), que significa “dizer outro”, falar algo em lugar de outra coisa, consistindo em um tipo estendido de metáfora. A alegoria utiliza-se de elementos concretos para evocar significados abstratos, num movimento que vai de fora para dentro, uma vez que a dimensão corpórea e material possui significação visível – um significante –, facilitando assim a apreensão do sentido, e possui, por outro lado, uma dimensão abstrata e imaterial – um signo (KOTHE, 1986, p. 30), que evoca ideias e formulações mentais. A alegoria, portanto, evoca uma entidade, ou conteúdo exterior, e o denomina sob a forma concreta, para melhor visualização.

Nas narrativas tradicionais, como no modelo da “jornada do herói”, a alegoria representa a ação de conceitos ou arquétipos antagônicos, como a luta entre o bem e o mal, os vícios e as virtudes etc. Na Idade Média, época em que Christine de Pizan viveu e escreveu, predominava o uso da alegoria teológica (dogmática e moral) e da alegoria política (virtudes e ordem do Estado) (BECKER, 1999, p. 15).

O alegórico na construção narrativa d’*O Livro da Cidade das Damas*, de Christine de Pizan, é visível desde o começo, dando-se com a aparição de três personagens alegóricas – as damas Razão, Retidão e Justiça –, conceitos abstratos que tomam vida e corpo, tornando-se sujeitos femininos num processo de humanização, ou *personificação*, característico da alegoria (SILVA, 2016). As damas acompanham Cristina, personagem principal e narradora, em sua trajetória no interior da narrativa. As damas se configuram como personificações de entidades supra-humanas que advêm diretamente de Deus (CALADO, 2006, p. 124).

1. *O inconsciente coletivo*

O inconsciente coletivo, segundo Jung (2000, p. 53), é a arena em que se manifestam os *arquétipos*, na medida em que trabalha com conteúdos exteriores às consciências individuais, não dependendo, portanto, de experiências pessoais. O conceito de arquétipo, fundamental ao entendimento do conceito de inconsciente coletivo, é, pois, a designação das múltiplas formas que a *psique* toma na vida dos sujeitos. Cada arquétipo possui características das múltiplas facetas humanas.

Dentro de uma narrativa, os arquétipos não representam um papel fixo, mas sim uma função narrativa, podendo ser temporários e, portanto, mutáveis. São máscaras usadas temporariamente pelos personagens. O arquétipo, por possuir



características exteriores às *personas* individuais, faz-se de mais fácil manejo para fins educativos e para a manutenção de tradições. É justamente seu caráter estático e exterior que faz com que ele possa “servir de exemplo”, e por isso tenha sido utilizado à exaustão na mitologia e nos contos de fadas. “Os arquétipos também podem ser vistos como símbolos personificados das várias qualidades humanas. Como as cartas dos arcanos maiores do tarô, representam os diferentes aspectos de uma personalidade humana completa” (VOGLER, 2015, p. 49).

2. Os arquétipos

Segundo Jung (2000, p. 5), o ser humano é formado pela *psique*, que é a característica que o distingue e especifica enquanto animal. A *psique* é o que determina a forma de certos comportamentos latentes – tais como os instintos –, mas também as manifestações individuais de padrões sociais. Os arquétipos (JUNG, 2000, p. 91), ao contrário da *psique*, são certas *imagens primordiais* que povoam o inconsciente coletivo, existindo, portanto, em todas as épocas e em todos os lugares, não por pairarem no exterior dos indivíduos e adentrarem as consciências individuais – num movimento de fora para dentro –, mas, contrariamente, por habitarem dentro de cada indivíduo particular, dentro de cada *psique* – como se dentro de cada sujeito pudesse haver inúmeras outras possibilidades de subjetividade –, para só depois se manifestarem sob a forma de uma *fantasia criativa*, originando padrões de comportamentos sociais visíveis e replicáveis.

O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas”. (JUNG, 2000, p. 53)

Na literatura, os arquétipos servem para evocar e dar conteúdo às *formas primordiais*, criando assim imagens coletivas, passíveis de serem visualizadas e compreendidas por todos.

Joseph Campbell falava dos arquétipos como se fossem um fenômeno biológico, expressões dos órgãos de um corpo, parte da constituição de todo ser humano. A universalidade desses padrões é que possibilita compartilhar a experiência de contar e ouvir histórias. Um narrador instintivamente escolhe personagens e relações que dão ressonância à energia dos



arquétipos, para criar experiências dramáticas reconhecíveis por todos. (VOGLER, 2015, p. 48)

3. *Arquétipos e alegoria na narrativa da Cidade das Damas de Christine de Pizan* *arquétipos*

O herói é um arquétipo universal, pois evoca necessidades e desejos primitivos do homem. A jornada do herói só é possível porque há nele algo de transcendente e de profundamente humano, o que faz com que o leitor se identifique com ele e torça por ele.

Os heróis têm qualidades com as quais todos nós podemos nos identificar e nas quais podemos nos reconhecer. São impelidos pelos impulsos universais que todos podemos compreender: o desejo de ser amado e compreendido, de ter êxito, de sobreviver, de ser livre, de obter vingança, de consertar o que está errado, de buscar auto expressão. (VOGLER, 2015, p. 53)

23

Toda história de herói é uma trajetória, uma jornada, e toda jornada implica percurso, movimento, direção. O herói é impelido por algum fator interno ou externo que o tira de seu *mundo comum*² e o coloca em um *mundo especial*³, onde ele passará por desafios e do qual sairá transformado, levando consigo o elixir, uma recompensa, um tesouro, pois o herói nunca voltará de sua jornada da mesma maneira que a começou.

No fundo, apesar de sua infinita variedade, a história de um herói é sempre uma jornada. Um herói sai de seu ambiente seguro e comum para se aventurar em um mundo hostil e estranho. Pode ser uma jornada mesmo, uma viagem a um lugar real: um labirinto, floresta ou caverna, uma cidade estranha ou um país estrangeiro, um local novo que passa a ser a arena de seu conflito com o antagonista, com forças que o desafiam. (VOGLER, 2015, p. 35)

No caso d'*O Livro da Cidade das Damas*, os arquétipos tratam da mulher enquanto sujeito feminino. Cristina, protagonista e narradora da obra, caracteriza-se tanto como heroína orientada para o grupo⁴ – sua trajetória é sair da vida em grupo e alcançar o mundo especial, a

² O mundo comum é o universo vivido pelo herói, aquilo que lhe é familiar e que será apresentado ao público, para que este entenda o contexto em que vive o herói e embarque com ele na aventura.

³ O mundo especial é o universo no qual o herói terá de adentrar para que a jornada seja iniciada, para que haja a transformação de si mesmo e de outros.

⁴ O herói voltado para o grupo, como é o caso de Cristina, é um herói que tem sua jornada orientada pelas questões da sociedade em que está inserido, levando o grupo muitas vezes a terras desconhecidas.



Cidade das Damas –, quanto como heroína catalisadora⁵, uma vez que ela mesma não muda, dadas as circunstâncias histórico-sociais de sua época, mas pretende provocar transformações em outros – no caso, as mulheres de todas as épocas.

A história te ensina que o reino da Amazônia foi outrora estabelecido graças à iniciativa de numerosas mulheres cheias de coragem que desprezavam a condição de escravas. Elas o mantiveram durante muito tempo sob o império sucessivo de diferentes rainhas: eram damas muito ilustres, eleitas por elas e que as governavam sabiamente conforme o Estado em toda a sua potência. (CALADO, 2006, p. 126)

O *mundo comum* de Cristina (CALADO, 2006, p. 118), de que ela pouco fala, já é diferente do mundo comum da maioria das mulheres de sua época: ficar a ler no quarto, no contexto medieval, definitivamente não era coisa para uma mulher. Apesar disso, Cristina tem uma vida comum e rotineira, em que nada de extraordinário acontece, até que é visitada pela presença de três damas: Razão, Retidão e Justiça, quando está em suas leituras em seu quarto, como de costume. A jornada de Cristina está em construir e levar as mulheres virtuosas de todas as épocas e de todos os lugares para a Cidade das Damas (CALADO, 2006, p. 125), que é o *mundo especial*.

24

Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas. E para esta obra, apanharás água viva em nós três, como em uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que mármore fixado em cimento. Assim tua cidade será uma beleza sem igual e permanecerá eternamente nesse mundo. (CALADO, 2006, p. 126)

Os arquétipos n’*O Livro da Cidade das Damas* podem ser vistos nas numerosas referências a mulheres históricas e mitológicas, que, no entanto, possuem traços de humanidade muito fortes, e que dessa forma servem bem ao propósito narrativo e instrutivo da obra. Os mais comuns, que abundam em exemplos durante todo o livro, são: *Virgem/Casta*, *Guerreira*, *Sábia* (aqui entendido como as mulheres afeitas às letras e aos conhecimentos formais e acadêmicos, como era o caso da própria Christine de Pizan), *Mística* (mulheres afeitas às adivinhações, aos segredos da natureza, à cura etc.) e *Bela/Educadora*, sendo que a maior parte das mulheres citadas possuía dois ou mais desses atributos concomitantemente.

⁵ O herói catalisador em si possui mudanças pouco visíveis; sua principal função é provocar mudanças em outros, nas sociedades em que estão inseridos.



A narrativa em forma alegórica d'*O Livro da Cidade das Damas* cria uma espécie de memorial feminino. Configura-se como uma série de relatos de forma circular e com enredo aberto.

Precisaria de muito tempo para falar da grande qualidade de todas essas mulheres. [...] não prejudicaria em nada a companhia dessas mulheres graciosas e dignas de louvor, por ter suas virtudes aceitas por Deus e pelo mundo. E Deus seja louvado que muitas outras mulheres belas e bondosas entre as condessas, baronesas, damas, senhoritas, burguesas e mulheres de todas as condições sociais, mantenham-se assim [...] E aquelas que se desviarem do caminho, que se encontrem. (CALADO, 2006, p. 316)

4. Alegoria

Diferentemente das inúmeras mulheres citadas na obra, que representam arquétipos, as três damas – Razão, Retidão e Justiça – configuram-se como alegorias, uma vez que representam conceitos fixos – razão, retidão e justiça – do começo ao fim do livro, e se auto atribuem a descendência de uma natureza divina.

25

Prezada filha, deves saber que a providência divina, que não faz nada ao acaso, encarregou-nos de morar entre as pessoas desse mundo de baixo, apesar de nossa essência celeste, para zelarmos na manutenção e na boa ordem das leis convenientes aos diversos estados, e que fizemos segundo a vontade de Deus e de nascimento divino. (CALADO, 2006, p. 127)

Os símbolos que as três damas carregam – o espelho da Dama Razão, o bastão da Dama Retidão (CALADO, 2006, p. 127) e a taça de ouro da Dama Justiça (CALADO, 2006, p. 128) – justificam seu caráter extramundano e, portanto, alegórico.

Além das três damas, a cidade é tida também como uma alegoria: associando o plano celeste à dimensão da vida terrena de todas as mulheres, a cidade evoca a ideia de uma eternidade terrena.

Mas eu te profetizo, como uma verdadeira sibila, que a Cidade que tu fundarás com a nossa ajuda nunca findar-se-á na inexistência. Ela será, ao contrário, sempre próspera, apesar da inveja de todos os seus inimigos; ela sofrerá ataques, mas nunca será tomada ou vencida. (CALADO, 2006, p. 126)



Conclusão

É possível, a partir da leitura de *A Cidade das Damas*, de Christine de Pizan e de *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, de Carl Gustav Jung, inferir que havia à época de Christine e há ainda hoje um inconsciente coletivo feminino, que povoa as sociedades e que faz com que nos identifiquemos como uma história tão antiga, com sonhos tão antigos, trazendo uma identificação com as personagens citados no livro, e com a própria autora.

Como define Foucault (2004, p. 145), a prática da escrita de si que Cristina desenvolve no decorrer do texto faz com que sua memória, experiência e subjetividade resista ao tempo. Além disso o hábito de leitura cultivado pela personagem mostra umas das razões de Cristina ser uma heroína, pois a sua narrativa se desenvolve a partir de sua habilidade de introspecção e autoconstrução pelos outros – os livros e autores que ele já lera, bem como das histórias das outras mulheres que foram narradas pelas Damas.



Referências

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Estudo e tradução. Recife: UFPB, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7590>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.

CEIA, Carlos. Sobre o conceito de Alegoria. *MATRAGA*, nº 10, agosto de 1998.

FOUCAULT, Michel. Coleção Ditos & Escritos. *Ética, Sexualidade, Política*. Org. Manoel Barros da Mota. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Livraria Martins Fontes Editora, 2001.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOTHE, Flávio R. *A alegoria*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARGUTTI, Vivian Bernardes. Narrativas alegóricas: do Barroco à contemporaneidade. *Em Tese*, v. 2: 2016, maio-ago.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Tradução de Ana Maria Machado. São Paulo: Aleph, 2015.

SILVA, Daniel Eduardo da. *O alegórico e as vozes antimisóginas como estratégia narrativa em Christine de Pizan: a cidade das damas*. João Pessoa, 2016. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/9177>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

